

A charge como artefato cultural produtor de crítica social e o papel da escola em tempos de pandemia

Charge as a Cultural Artifact Producer of Social Criticism and the Role of School in Times of Pandemic

Angéli do Prado Casagrande¹

Resumo: O presente artigo propõe uma discussão acerca do papel da escola enquanto instituição e organizadora dos saberes ditos formais. Ao lado disso, estabelecemos um diálogo entre a crise ocasionada pela suspensão das aulas presenciais devido à pandemia de COVID-19 e o papel da escola no gerenciamento das atividades. A partir da análise crítica do cenário atual, através das charges enquanto artefatos culturais produtores de críticas sociais, buscou-se sublinhar os desafios enfrentados pela instituição escolar, bem como por estudantes e educadores com enfoque nos novos ajustes e expectativas sobre o futuro da organização e da educação como um todo.

Palavras-Chave: Educação. Ensino remoto. Charge.

Abstract: This article proposes a discussion about the role of the school, as an institution, organizer of the so-called formal knowledge. Alongside this, we established a dialogue between the crisis caused by the suspension of face-to-face classes due to the COVID-19 pandemic and the role of the school in the management of activities. From the critical analysis of the current scenario, through cartoons as cultural artifacts that produce social criticism, we sought to highlight the challenges faced by the school institution, as well as by students and educators with a focus on new adjustments and expectations about the future of the organization and education as a whole.

Keywords: Education. Remote teaching. Cartoon.

¹ Mestranda em Educação – Universidade federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora, servidora municipal de Fontoura Xavier e estadual do Rio Grande do Sul. Membro do Conselho Federal de Biologia. Fontoura Xavier - RS, Brasil. E-mail: angel-casagrande@hotmail.com. ORCID: 0000-000237215975.



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

1. Introdução

A sociedade do século XXI, também domiciliada sob o jargão de sociedade pós-moderna, traz como principal característica a rapidez das transformações científicas, tecnológicas, econômicas, políticas e sociais. O ritmo vertiginoso imposto por tais mudanças confere à escola uma grande responsabilidade, colocando em xeque seu papel social, questionando suas formas de atuação para que esta não incorra no risco de tornar-se uma instituição obsoleta diante da instabilidade dos saberes. Ante aos avanços tecnológicos que permeiam as discussões sobre a necessidade da permanência da escola, enquanto modelo de educação formal, veem-se caracterizadas as potencialidades e mudanças da mesma perante os hábitos e valores inspirados nos novos moldes sociais. Esses modos de vida são marcados pela flexibilidade e liquidez dos signos, que tomaram o lugar do conhecimento estático e tranquilizador de outrora.

A atual crise ocasionada pela suspensão das aulas presenciais devido à pandemia de COVID-19² fez com que escolas de todos os níveis de ensino improvisassem seus cursos à distância, deparando-se com atuais e significativas considerações. Buscaremos, por meio desse estudo, vislumbrar as implicações para os sistemas de ensino, diante de um panorama peculiar e desconhecido. Com a necessidade de introdução de elementos do Ensino Remoto, as organizações devem dar suporte técnico a docentes e educandos e, ao mesmo tempo, respeitar as pluralidades do modo de vida dos sujeitos do processo.

Tomamos como propósito analisar a utilização de um artefato cultural, a charge. Tal escolha justifica-se pelo caráter satírico do gênero, que busca criticar, por meio de caricaturas, acontecimentos atuais. Os artefatos culturais nos fornecem informações sobre a cultura contemporânea, agindo sobre nossos modos de ser, de estar no mundo. Essa pedagogia cultural se relaciona à diversas áreas do conhecimento, entre elas, a educação (FABRIS, 2008).

² A COVID-19 é uma doença causada pelo vírus SARS-COV-2, da família dos Coronavírus. Os primeiros casos da doença surgiram no final do ano de 2019, na China. No primeiro semestre de 2020, a doença já havia atingindo todos os continentes, sendo classificada como uma pandemia.



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

2. Sociedade contemporânea e sistemas de ensino

José António Costa (1999) reúne algumas características da sociedade contemporânea que nos servem para imprimir uma reflexão ético-filosófica sobre os efeitos das contingências emergenciais da pandemia de COVID-19. Compreender, atribuir significados e criticar enunciados lançados sobre a conjuntura educacional no Brasil, diante de tais eventos, nos ajudará a mapear as implicações na forma como essa sociedade enxerga a instituição escolar.

“A sociedade pós-moderna carrega consigo uma evidente tensão entre saberes consolidados pela ciência, aqueles chamados conhecimentos especializados e uma cultura geral básica” (COSTA, 1999, p. 14). Essa tensão se deve, em parte, à midiatização massiva dessa sociedade. Se antes haviam verdades pré-estabelecidas, o acesso desenfreado à informação inaugurou a descrença sobre as antigas certezas e, por consequência, sobre as instituições.

A escola, como era de se esperar, não ficou imune a esse processo. Contudo, no que concerne a era tecnológica, a sobrevivência e consolidação desta instituição, como espaço de organização dessas informações, perpassa pela apropriação, no domínio educativo, das ferramentas básicas fundamentais. As linguagens tecnológicas da comunicação, tornaram a chamada sociedade da informação, em uma sociedade de pensamento e de interpretação. No entanto, o excesso de informações vem desencadeando um novo processo chamado de infodemia (GARCIA; DUARTE, 2020), no qual torna-se difícil encontrar aquelas informações que são realmente úteis. A circulação de notícias falsas no ambiente virtual confere uma nova potência às *fake news*.

Para Teixeira (2018), as manifestações dessas notícias falsas desembarcaram no Brasil nas eleições presidenciais de 2018, atingindo níveis sem precedentes no país. Em meio a esse turbilhão de enunciações, os processos educacionais são imbricados em importantes disputas pela instauração dos chamados regimes de verdade e em lutas pela



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

organização de novas racionalidades perpassadas pela imposição do distanciamento físico, que interpõe dificuldades ao processo.

Num segundo ponto, trataremos da recombinação de duas culturas: a humanista e a científico-tecnológica. “Sem se ter uma cultura científica e técnica, fica-se hoje analfabeto, defasado, incapaz de acompanhar o evoluir da sociedade” (COSTA, 1999, p. 15). As implicações das ciências estão presentes no cotidiano, quanto maior é a difusão da informação pelos meios de comunicação social. Tais enunciações não interessam mais somente aos especialistas, mas a uma gama cada vez maior de sujeitos.

No campo educacional, essa cultura tecnológica exige uma ressignificação das práticas com a inserção das novas tecnologias com o advento do chamado Ensino Híbrido. Esse modelo pode ser considerado um programa de educação formal no qual o aluno aprende por meio do ensino *online* a partir do controle sobre o tempo, lugar, ritmo e modo de estudo e por meio do ensino presencial.

Especialmente em decorrência da pandemia de COVID-19, os sistemas de ensino se viram forçados a implementar ações de ensino remoto, em tempo recorde, sem preparação prévia de tais iniciativas. Tendo em vista que no Brasil o Ensino à Distância ficava mais restrita aos Cursos de Ensino Superior, o vírus se apresentou como agente complicador para a utilização efetiva dos recursos tecnológicos, descortinando as dificuldades, especialmente no âmbito das escolas públicas brasileiras, que não dispõem de tecnologias para fornecer um atendimento de qualidade à toda a comunidade escolar. Com o distanciamento físico, os docentes passaram a trabalhar em suas casas a partir da instituição do chamado Ensino Remoto Emergencial (ERE), modalidade de ensino possível para este contexto. É importante salientar que o ERE expôs os profissionais, por estar entranhada no cotidiano, embaralhada aos cenários de cada vida.

Nesse período surgiram inúmeras barreiras à implementação do ensino à distância, a dificuldade de conexão, por não contarem com uma rede de internet adequada e/ou não possuírem aparelhos tecnológicos que suportassem a demanda, além do desconhecimento em relação ao manejo das plataformas de comunicação, uma



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

vez que os sistemas de ensino não contam, originalmente, com treinamento e suporte técnico para apoiar a atuação dos docentes. Esses fatores foram adicionados a cada contexto: intercalados aos cuidados com a casa, com as crianças (e suas demandas escolares e emocionais), com os idosos (grupo de risco para o COVID) e suas necessidades de cuidado; além das atividades profissionais, questões burocráticas da vida cotidiana. Este contexto, muitas vezes causou exaustão, sobretudo para as mulheres, que é quem geralmente dá conta do cuidado

Ao mesmo tempo que o ERE expôs as dificuldades e desigualdades presentes em uma turma de sala de aula, também foi o que permitiu às escolas manterem ao menos um pequeno vínculo com os discentes. A pandemia trouxe à tona essa discussão sobre Ensino à Distância (EAD), seus tensionamentos na educação e nos interesses de mercado. Embora haja pressões políticas para o retorno das atividades presenciais com a implantação do Ensino Híbrido, que consiste em mesclar atividades presenciais com o Ensino Remoto, há resistência de escolas e universidades devido à iminência do colapso sanitário que um retorno poderia ocasionar.

O receio dos profissionais de serem substituídos pelas plataformas de ensino não presenciais ou semipresenciais é um outro ponto que se constitui como objeto de polêmica, pois não há um direcionamento claro nas políticas educacionais para a implantação do Ensino Híbrido nas escolas. Como seriam essas aulas? Sem sala? Sem horário? Sem professor? Quem produziria os conteúdos para tais plataformas? As diferenças no atendimento fornecido por um professor numa disciplina *online* causam perplexidade e suscitam discussões sobre as formas como se dará essa inserção nos sistemas de ensino. Para quais modalidades essas metodologias se destinam? Quais competências serão desenvolvidas a partir dessa forma didática?

Diante de tantos questionamentos, o que nos interessa, então, é problematizar acerca das acusações enfrentadas pela instituição escolar, dentre elas, a de que estaria se tornando obsoleta diante de um mundo hiperconectado, resumindo-se à tentativa de transmissão de conhecimentos a partir de quadro e giz. No entanto, Masschelein (2017)



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

corroborar a ideia de que a escola pode ser reinventada, encontrando maneiras para fornecer “tempo livre”, reunindo os jovens em torno de um interesse comum.

[...] A sociedade contemporânea conta com algumas novas tecnologias e as está disseminando de tal maneira que, talvez, a pedagogia disciplinar preconizada pelo Iluminismo – e tão bem formalizada por Kant – não seja mais tão importante ou necessária como o foi até há poucas décadas. No fundo de tudo isso, o que está em jogo é a questão da própria sobrevivência da escola como a principal instituição capaz, em termos gerais, de promover a socialização e, em termos específicos, de contribuir para uma maior justiça social. (VEIGA-NETO, 2000, p. 2).

Ainda segundo o que teoriza Masschelein (2017), a escola confere um selo de qualidade, apresentando-se como uma instituição de reconhecimento e validação dos resultados de aprendizagem e das competências adquiridas. O papel da escola na contemporaneidade diz respeito às estruturas de qualificação, a partir dos inúmeros caminhos de aprendizagem formal e informal, e ambiente a organização da educação em uma época de novos e diversos paradigmas.

Em síntese, os tensionamentos vivenciados pelas famílias e pela escola quanto a educação das crianças nos convidam a levantar alguns questionamentos: quais registros estão presentes nos meios eletrônicos e plataformas digitais sobre as implicações do Ensino Remoto na vida escolar dos educandos? Quais os seus impactos no papel social da escola enquanto espaço de organização de saberes e de promoção do acesso igualitário à escolarização? A própria história desta instituição secular configura-se como uma trajetória árdua e dilacerante. Com o advento da Educação Remota nesses tempos de crise, é como se a escola que um dia conhecemos, com seus espaços, tempos, rotinas, relações, disciplinas, métodos, recursos, estivesse desaparecendo para que outra coisa surja em seu lugar.

Compreender a escola sob a ótica da cultura exige um olhar mais denso, que leve em conta o dinamismo do fazer cotidiano. Para Juarez Tarcisio Dayrell (1996, p. 2), “falar da escola como espaço sociocultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição”.



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

Desde seu surgimento a escola era pensada nos marcos das teorias funcionalistas e “de reprodução” partindo das análises de Durkheim, Dreeben, Bourdieu e Passeron entre outros, que analisavam os efeitos produzidos na organização, pelas relações sociais que compunham a sociedade capitalista, exercendo influências sobre o comportamento dos sujeitos sociais inseridos nela.

[...] estudos têm sido unânimes em mostrar que a escola foi a instituição moderna mais poderosa, ampla, disseminada e minuciosa a proceder uma íntima articulação entre o poder e o saber, de modo a fazer dos saberes a correia (ao mesmo tempo) transmissora e legitimadora dos poderes que estão ativos nas sociedades modernas e que instituíram e continuam instituindo o sujeito. (VEIGA-NETO, 2019, p. 115).

As escolas se reafirmam como ferramentas para a garantia de direitos no século XXI. Nesse espaço podem ser construídas as condições para uma educação crítica e emancipatória, onde o contexto social apareça como discussão central. A instituição é percebida como o lugar de reunião e de contato com as políticas públicas tornando-se, também, um lócus de promoção social, fato que reafirma sua importância no seio das comunidades.

A escola, como espaço sociocultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo. (DAYRELL, 1996, p. 02).

A escola se constitui num espaço onde ocorre a materialização do tempo livre e sua distribuição igualitária, a partir da separação ou retirada dos alunos para fora das responsabilidades e desigualdades de seu contexto social.

3. Artefatos culturais e crítica social

Áskesis, v. 10, nº. 2, p. 130-149, Jul-Dez, 2021
ISSN: 2238-3069 / DOI: 10.46269/10221.588



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

Pensando no atual contexto de distanciamento físico aluno-espço escolar, nos perguntamos: como estão sendo enfrentados esses deslocamentos? Quais espaços e momentos os educandos dispõem para a organização do aprendizado? O contexto social contribui para a desigualdade de acesso à educação? As famílias têm condições de oferecer suporte e responder às demandas da escola? Quais são as condições dos educadores para responder às exigências dos sistemas educacionais?

São questões que frequentemente vemos discutidas e expostas nas mídias sob a utilização de diversas linguagens. A internet atua como ferramenta difusora de informações e produtora de saberes, como podemos ver nas charges que circulam na rede e são utilizadas como artefatos culturais para crítica social.

Publicada pela primeira vez no Brasil no ano de 1837, esse gênero textual se configura como uma ilustração humorística que satiriza acontecimentos da atualidade (FLÔRES, 2002). O Ensino Remoto, as desigualdades sociais e as dificuldades de acesso igualitário às tecnologias, para os estudantes da rede pública, surgem como objetos dessas sátiras, pois expõem elementos desencadeantes de inquietações e questionamentos. Essas críticas estão conectadas aos problemas sociais que ocorrem em determinado lugar. A pobreza, a miséria e as questões culturais são os alvos desse tipo de expressão, que vem acompanhada de um tom de denúncia em relação aos acontecimentos contemporâneos.

Como discorrem Ângela Cristina Salgueiro Marques e Luciana de Oliveira (2012), para essa abordagem crítica, o poder do humor estaria relacionado à sua capacidade de revelar contradições, absurdos e, conseqüentemente, as ambigüidades. Ainda segundo as mesmas autoras, podem ser percebidas articulações entre os atores envolvidos no processo e a prática de resistência utilizando-se da estratégia discursiva chargística.

As charges ilustram enunciados através de linguagem verbal e não verbal. Geralmente publicadas em jornais e revistas, hoje elas ganharam destaque nos meios eletrônicos, nas páginas virtuais e também nas redes sociais. Chamando atenção pela



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

variedade de elementos apresentados elas exigem do leitor um movimento interpretativo e análogo para que o exagero caricato componha um sentido.

[...] vemos uma sociedade que se entende e se forma, crescentemente, pelo uso das imagens. Nesse sentido, as imagens são necessárias no mundo contemporâneo para dele falarmos do seu presente, tanto como o é para lembrar como foi 'construído' em seu passado, quanto se queremos pensar suas mudanças no futuro. (ALVES, 2005, p. 2).

A diversidade dos discursos veiculados através da *internet* e a utilização de determinados artefatos culturais que servem a um fim específico vem chamando atenção para o que podemos chamar de investidas de poder. Esses mecanismos atuam no sentido de produzir um efeito regulador sobre os sujeitos, constituindo seus pontos de vista a partir dos aspectos da realidade que lhes são apresentados.

As charges são um exemplo de artefato relacionado a um tempo específico, exercendo com suas linguagens e imagens a comunicação de uma crítica datada, levando em conta o contexto sociopolítico em que ela está inserida. Elas produzem subjetividades a partir de uma opinião constituída, o que configura uma construção cultural de sentido.

4. Análise do artefato cultural

Do ponto de vista da metodologia, optou-se pela análise qualitativa, que segundo Maria Cecília de Souza Minayo (2011, p. 6) “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Explorando a base linguístico-semiótica do gênero textual e do método escolhido, buscou-se compreender as mensagens expressas através de duas charges veiculadas na *internet* durante o primeiro semestre de 2020. A primeira de autoria do cartunista Walter Salomon Arévalo, exibida na edição do jornal La Prensa



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

Gráfica de 22/04/2020 em El Salvador, denuncia as desigualdades de acesso à informação e às atividades à distância enfrentadas naquele país, a exemplo do Brasil, onde as desigualdades sociais acentuam tais disparidades. A segunda circulou na rede social *Instagram* durante a primeira quinzena de junho de 2020, expondo as dificuldades vivenciadas por professores no desenvolvimento das atividades a partir de suas casas.

A inserção da semiótica como metodologia de análise nos agrega uma vasta gama de possibilidades no que se refere ao campo da significação. Para Joseph Courtés e Algirdas Julien Greimas (2008, p. 426) “[...] o sincretismo como o procedimento (ou seu resultado) [...] consiste em estabelecer, por superposição, uma relação entre dois (ou vários) termos em categorias heterogêneas, cobrindo-os com o auxílio de uma grandeza semiótica (ou linguística) que os reúne”.

Para a teoria semiótica, texto é tudo aquilo que possui significação. Um texto é produto de uma situação comunicativa, é uma unidade de sentido produzida por uma ou mais linguagens. Ele deve ser tomado em seus aspectos internos (conteúdo e enunciação) em primeiro lugar e depois, os aspectos externos (contexto sócio-histórico). (MOUCO; GREGÓRIO, 2007, p. 7).

No caso deste artigo, o discurso sincrético está ancorado na relação semiótica entre texto, imagem e crítica social presente no artefato cultural analisado.

Figura 1. Charge La Educación en Tiempos de Pandemia.



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia



Fonte: ARÉVALO (2020).

A primeira charge ilustra uma criança, aparentemente de classe social baixa, copiando os conteúdos das aulas *online* através da janela de uma residência, onde o colega tem computador conectado à rede. A desigualdade no acesso à internet dentre os alunos da rede pública pode levar a situações negativas, de aprofundamento das desigualdades sociais.

Levantamentos recentes da Qualcomm (2020) e Hawey (2018), duas especialistas em conectividade, apontam nosso país na 44^a posição no ranking de conectividade. Segundo os dados levantados, 38% das residências brasileiras não têm acesso à internet, 58% das residências não têm computador, 59% das pessoas da classe D e E não acessam a rede, ao mesmo passo que 66% das residências da zona rural estão desconectadas do sistema global. Essas disparidades nos alertam para o fato de que estudantes de redes ou escolas menos estruturadas, particularmente em regiões carentes e escolas de campo, acabarão perdendo motivação em estudar e, futuramente, em retomar as aulas presenciais. Tal acontecimento pode ressuscitar um antigo fantasma: a evasão escolar,



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

revelando as falhas do modelo neoliberal que se estabelece através das plataformas *online*, pensadas para quem utiliza as tecnologias.

O Ensino Remoto salienta tais discrepâncias que figuram como a principal fragilidade do direito à educação, presente no artigo 6º da Constituição Federal. A ausência de sinal de telefonia, como é o caso de algumas comunidades rurais, indígenas e quilombolas e a falta de condições para comprar aparelhos digitais, faz com que boa parte dos estudantes fiquem sem poder realizar atividades escolares. Esse ponto demonstra a falta de conhecimento e o desinteresse, por parte dos governantes, dos contextos de exclusão, pois não houve um diagnóstico prévio da acessibilidade às ferramentas propostas, por parte de alunos e professores das redes públicas.

O procedimento das aulas à distância foi autorizado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) através do PARECER CNE/CP Nº 5/2020 (BRASIL, 2020), em caráter substitutivo às aulas presenciais durante o período de distanciamento físico. As medidas abrangem o Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação Profissional, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial, seguindo vedadas apenas para a Educação Infantil. De acordo com um levantamento realizado pela UNESCO (2022), 165 países fecharam suas escolas por causa da pandemia de COVID-19, fazendo com que 1,5 bilhões de estudantes tivessem as aulas presenciais interrompidas, o que modificou a rotina de 63 milhões de professores da educação básica.

A escola foi pega de surpresa pela pandemia e teve pouco tempo para se adequar a essa nova forma de ensino e aprendizagem. Percebemos uma série de fragilidades e desafios enfrentados tanto pelos sistemas de ensino e profissionais de educação, quanto pelos estudantes.

Figura 2. Charge Home Office



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia



Fonte: CALEFFI (2016).

Na segunda charge podemos ver uma professora envolvida com as tarefas domésticas ao mesmo tempo em que ministra suas aulas *online*. No Brasil, onde segundo o Censo Escolar de 2018 (BRASIL, 2018), 81,8% dos 2,2 milhões de educadores são do sexo feminino, esse peso recai especialmente sobre as mulheres, que já acumulavam jornadas de trabalho e se viram ainda mais sobrecarregadas na obrigação de equacionar o tempo em confinamento com atividades de *home office* e tarefas domésticas cotidianas.

O dilema vivido pela classe de trabalhadores docentes advém, ainda, dos questionamentos postos sobre as formas de organização de sua prática diante desse novo panorama das aulas à distância. Quando se pensava na implantação do Ensino Híbrido, a partir do Decreto Nº 9.057/2017 (BRASIL, 2017) que regulamentou a oferta de cursos à distância para o Ensino Médio e para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, tinha-se em mente uma série de medidas que seriam implementadas para sua inserção nos sistemas de ensino, como investimentos na formação de professores,



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

infraestrutura adequada nas escolas e suporte técnico para garantir o funcionamento de tais didáticas. Deparamo-nos, repentinamente, com questões voltadas para as condições laborais e emocionais de nossos professores. O espaço e o tempo de casa são os mesmos da escola? O que propor e em que condições? Com que intervenções? Diante das rotinas de casa e das famílias se misturando com as demandas da escola, como fazer funcionar as técnicas de ensino? Que condições de trabalho e de recursos nossos professores realmente têm para atender a essa demanda?

O Parecer CEED/RS nº 01/2020, lançado na rede estadual do Rio Grande do Sul em 18/03/2020 (RIO GRANDE DO SUL, 2020), orienta a continuidade das aulas, no entanto, há que se considerar os diversos aspectos envolvidos nesse contexto, por exemplo, com quais recursos e disposições contamos para atender a um público tão diverso em faixas etárias e em condições sociais distintas? Quais deverão ser as metodologias de medição para garantir que as crianças que ainda não possuem autonomia de uso de recursos e nem disciplina para os estudos atinjam os objetivos do ensino?

Tais questionamentos surgem como inquietações e pistas a serem investigadas, buscando apontar possíveis análises sobre os efeitos produzidos por esse contexto histórico inusitado sobre alunos e professores no Ensino Remoto. Não buscamos, com isso, elucidar o dilema educacional que estamos vivendo, mas refletir sobre o que estas mudanças narram sobre a escola e sobre nossos alunos, nesses tempos e espaços que não são mais da escola, mas de suas casas, suscitando os debates sobre os princípios fundantes e organizativos da escola e sua permanência na contemporaneidade.

O Brasil não possui uma tradição no Ensino Remoto. Na rede pública de ensino, recentemente, iniciou-se uma discussão junto aos profissionais acerca dos moldes para implementação do Ensino Híbrido, salientando que esse modelo foi desenvolvido para o ambiente escolar com a utilização das tecnologias aliadas às aulas presenciais. Com isso, podemos vislumbrar uma posição desconfortável por parte das instituições de ensino no



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

que diz respeito ao enfrentamento dessa drástica e repentina mudança nos modos de educar ocasionada pela imediata suspensão das atividades presenciais.

Observam-se, na concretude da educação brasileira, resistências ao uso das novas tecnologias. Podemos elencar aqui a existência de alguns fatores que contribuem para estas resistências: o tempo requerido para o desenvolvimento de material e para a interação com estudantes, a falta de habilidades técnicas no uso de tecnologias e limitações impostas por tais tecnologias. A isso, une-se a falta de ferramentas específicas para a área tecnológica. O contato com novas metodologias educacionais requer um maior investimento em programas de formação voltados para aquisição de habilidades no uso de tecnologias que venham subsidiar a transição dos educadores para essa nova postura. Deve-se somar a necessidade de um suporte efetivo da instituição aos professores interessados no uso das novas tecnologias em sala de aula. Esse aspecto ficou defasado pela imposição imediata causada pela decorrente crise de saúde.

Como já citado anteriormente, existem ainda resistências baseadas nas incertezas acerca do processo de inserção das novas modalidades tais como Ensino Híbrido e mesmo do ERE, no âmbito da Educação Básica. Como alerta Maria Helena Souza Patto (2013), a aplicação de tecnologias de comunicação e de informação no processo educativo sem que sejam investigadas as consequências de tais procedimento sobre a formação do educando ou ainda, sem uma análise das reais condições de conectividade dos sujeitos envolvidos, pode levar ao já previsto desmonte da educação pública e à pseudoformação dos discentes, pela ausência de uma relação professor-aluno que possa construir uma formação ético-política do cidadão.

5. Considerações Finais

Conforme exposto ao longo do texto e tomando por base as charges analisadas, o atual cenário revela o despreparo dos sistemas de ensino para enfrentar as mudanças impostas. As tensões geradas entre os poderes que operam na sociedade contemporânea



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

mostram, de um lado, os governos estabelecendo moldes para a implementação do Ensino Remoto Emergencial num modelo dependente das tecnologias. De outro, a sociedade, representada por alunos, pais e educadores tentando se moldar às exigências, ao mesmo tempo que exercem resistência, expressa através das manifestações reproduzidas no âmago da cultura e difundidas através das mídias.

O movimento educacional centrado na utilização das tecnologias de informação causa um estranhamento, na medida em reproduzem as assimetrias existentes no contexto social brasileiro, chamando atenção para a exclusão digital como determinante de novas formas de exclusão social. Há um consenso de que a educação sofreu transformações ao longo das últimas décadas. As transformações tecnológicas tiveram um papel decisivo nessa mudança, contudo a crítica apresentada por meio do artefato cultural das charges se direciona para as políticas de inserção dessas ferramentas no âmbito dos sistemas de ensino. Para que uma tecnologia seja utilizada de forma a cumprir seu papel social deve-se levar em conta sua acessibilidade, ou seja, a possibilidade e condição de alcance para utilização por distintas parcelas da população.

A suspensão das aulas presenciais durante a pandemia escancarou as dificuldades enfrentadas pelos estudantes de instituições públicas – acesso limitado à internet e ausência de computadores e mesmo de espaço apropriado para o estudo em casa, se somaram a falta de merenda e acentuaram problemas sociais ocasionando uma série de consequências negativas como evasão escolar e maior exposição à violência (sexual, física ou psicológica). Ao lado disso, sobrecarga de trabalho docente, dificuldade de professores entrarem em contato com os pais dos alunos, baixa escolaridade dos familiares e esgotamento emocional dos docentes, que ficam disponíveis 24h para tentar ajudar. Por não se tratar de uma situação estruturada, professores enfrentam ainda dificuldades em adaptar conteúdos para o ERE.

Vale lembrar que O Ensino Remoto difere de Educação à Distância por seu caráter emergencial diante da pandemia, quando a grande maioria dos sujeitos desse processo não detinha conhecimento prévio das plataformas de ensino. A EAD como modelo



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

consolidado no Ensino Superior traz uma organização pré-estabelecida, utilizando-se de plataformas como *WhatsApp*, e-mail e AVAs (Ambientes Virtuais de Aprendizagem) com os quais os alunos estão familiarizados, dispendo de maturidade para organizar sua rotina de estudos, o que não se observa nas demais modalidades de ensino.

A crise vivenciada nesse início de 2020 evidencia o papel sistematizador da escola, sendo que esse aspecto se apresenta como um marco da cientificidade. Na contramão de afirmações que dizem que a aprendizagem ligada ao tempo e ao espaço não é mais necessária na era digital, as contribuições apresentadas corroboram a ideia de que no ambiente escolar encontramos o tempo e o lugar onde há um cuidado especial pela organização das informações e pelo despertar do interesse com foco específico, justificando sua tutela sobre a aprendizagem ao longo das gerações.

Referências

ALVES, Nilda. O 'Espaço-Tempo' Escolar como Artefato Cultural nas Histórias dos Fatos e das Idéias. **Acervo**, v. 18, n. 1/2, p. 15-34, 2005. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/183/18>. Acesso em: 14 ago. 2020.

ARÉVALO, Walter Salomón. La Educación en Tiempos de Pandemia. **Jornal La Prensa Gráfica**. El Salvador. 22 abr. 2020.

BRASIL. **Censo Escolar de 2018**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Decreto Nº 9.057, de 25 de maio de 2017**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2017.

BRASIL ocupa 44ª posição em ranking de conectividade e preparo para economia digital. jul. 2018. Disponível em: <https://e.huawei.com/br/news/br/2018/201807040800>. Acesso em: 14 jun. 2020.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 5/2020, aprovado em 28 de abril de 2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília, DF: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CNE, 2020.

CALEFFI, Samia. **Home office?** 06 nov 2016. Instagram: @samiacaleffi. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BMfRTZgjo81/>. Acesso em: 28 set. 2020.

COSTA, José António. O papel da escola na sociedade actual: implicações no ensino das ciências. **Millenium** (Revista do Instituto Superior Politécnico de Viseu), vol. 15, p. 56-62, 1999.

COURTÉS, Joseph; GREIMAS, Algirdas Julien. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, v. 194, p. 136-162, 1996.

FABRIS, Eli Henn. Cinema e educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 117-134, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6690/4003>. Acesso em: 14 mai. 2020.

FLÔRES, Onici Claro. **A leitura da charge**. Canoas: Editora da ULBRA, 2002.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 4, e2020186, 2020.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; DE OLIVEIRA, Luciana. Poder e Resistência: breve reflexão teórica sobre o papel do humor nos conflitos público-privado em contextos organizacionais. **C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, n. 26, p. 99-110, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36903/21478>. Acesso em: 12 jul. 2020.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.



A Charge como Artefato Cultural Produtor de Crítica Social e o Papel da Escola em Tempos de Pandemia

MOUCO, Maria Aparecida Tavares; GREGÓRIO, Maria Regina. **Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica**. Londrina: Dia a dia Educação, 2007.

PATTO, Maria Helena Souza. O ensino a distância e a falência da educação. **Educação e pesquisa**, v. 39, n. 2, p. 303-318, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/dddbR9B35pCZYM3nxJB47Pz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2020.

QUALCOMM divulga dados de sua primeira pesquisa sobre conectividade no Brasil. mar. 2014. Disponível em: <https://canaltech.com.br/hardware/Qualcomm-divulga-dados-de-sua-primeira-pesquisa-sobre-conectividade-no-Brasil/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. **Parecer Nº 0001/2020**. Orienta as Instituições integrantes do Sistema Estadual de Ensino sobre o desenvolvimento das atividades escolares, excepcionalmente, enquanto permanecerem as medidas de prevenção ao novo Coronavírus – COVID-19. Porto Alegre: Conselho Estadual de Educação, 2020.

TEIXEIRA, Adriana. **Fake news contra a vida**: desinformação ameaça vacinação de combate à febre amarela. PUCSP, 2018.97f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

UNESCO. **Educação: do fechamento das escolas à recuperação**. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), 26 jun. 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

VEIGA-NETO, Alfredo. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: ALVES-MAZZOTTI, Alda et all. **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP/A, 2000. p. 9-20.

Texto recebido em 15/10/2020 e aprovado em 03/10/2021

DOI: 10.46269/10221.588